

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO ÂMBITO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Coleção Relações Internacionais e Globalização, 56

Andréia Rosenir da Silva

A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO ÂMBITO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Direitos Humanos das Mulheres
e a Necessidade de Instrumentos
Eficazes para a sua Consolidação



Editora UNIJUI

Ijuí

2016

© 2016, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 - Ijuí - RS - Brasil -
Fone: (0__55) 3332-0217
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Imagem odeteana: DAOLIVEIRA

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

S586c Silva, Andréia Rosenir da.

A construção de gênero no âmbito das relações internacionais: direitos humanos das mulheres e a necessidade de instrumentos eficazes a sua consolidação / Andréia Rosenir da Silva. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2017. – 192 p. – (Coleção Relações Internacionais e Globalização ; 56).

ISBN: 978-85-419-0218-2

1. Direitos humanos. 2. Relações internacionais. 3. Direitos fundamentais. I. Título. II. Título: Direitos humanos das mulheres e a necessidade de instrumentos eficazes e sua consolidação. III. Série.

CDU: 342.7

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

A Coleção *Relações Internacionais e Globalização* é uma iniciativa da Editora Unijuí, direcionada à publicação de textos que privilegiem a abordagem interdisciplinar dos diversos aspectos que envolvem as relações internacionais. O objetivo da coleção é colocar à disposição dos leitores interessados um conjunto de obras que contribuam para a qualificação do debate sobre o tema e ajudem na compreensão das transformações do mundo atual.

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Jorge Ramalho da Rocha (UNB — Brasil)
Argemiro Luís Brum (Unijuí — Brasil)
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca — Itália)
Doglas Cesar Lucas (Unijuí — Brasil)
Eduardo Biacchi Gomes (PUC/PR e Unibrasil — Brasil)
Francesco Leita (Universidade de Pádua — Itália)
Gabriele Orcalli (Universidade de Pádua — Itália)
Gigliola Landucci (Universidade de Pádua — Itália)
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí — Brasil)
Isaac Maidana (Ministério das Relações Exteriores — Bolívia)
Isabel Vaz (UFMG — Brasil)
José Manuel Pureza (Universidade de Coimbra — Portugal)
Luis Humberto Villwock (Unisinós — Brasil)
Luiz Antônio Pinazza (FGV — Brasil)
Marcel Marloie (Inra — França)
Marcos Sawaya Jank (Icone — Brasil)
Mauro de Rezende Lopes (FGV — Brasil)
Odete Maria de Oliveira (UFSC — Brasil)
Rafael A. Duarte Villa (USP — Brasil)
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi — Brasil)
Rene Mauget (Essec — Imia — França)
Rui Moura Ramos (Universidade de Coimbra — Portugal)
Shiguenoli Miyamoto (Unicamp — Brasil)
Sidney Guerra (UFRJ — Brasil)
Valeriano Mendes Ferreira Costa (Unicamp — Brasil)
Wagner de Menezes (USP/SP — Brasil)
Wladimir Brito (Universidade do Minho — Portugal)

COMITÊ EDITORIAL

Argemiro Luís Brum (Unijuí — Brasil)
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí — Brasil) — Coordenador
Odete Maria de Oliveira (UFSC — Brasil)
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca — Itália)
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi — Brasil)

Aos meus pais. Sem eles não estaria aqui.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO 1	
— A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO NO	
CENÁRIO DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	29
ANTECEDENTES E CONCEITOS DA DISCIPLINA.....	31
PERCURSOS HISTÓRICOS	
CONFIGURADOS NOS DEBATES.....	34
Primeiro Debate — Discussões Ontológicas.....	36
Segundo Debate — Discussões Metodológicas.....	38
Terceiro Debate — Discussões Interparadigmáticas.....	41
O Quarto Debate — Discussões Científicas	43
DIFERENCIANDO ONDAS DE DEBATES	46
GÊNERO E SEUS DESDOBRAMENTOS.....	50
Surgimento.....	50
Métodos e Categorias Feministas.....	54
QUESTIONAMENTOS SOBRE A ABORDAGEM	
<i>GENDER MAINSTREAM</i>	63
GÊNERO ENQUANTO ATOR EMERGENTE.....	65
AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	
SUBJACENTES AOS DIREITOS HUMANOS.....	70

CAPÍTULO 2

— A CONSTRUÇÃO DOS

DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES.....77

DIREITOS HUMANOS UNIVERSAIS.....79

Precedência.....79

Gerações.....80

DIREITOS HUMANOS NO SÉCULO 2084

A Carta das Nações Unidas e o surgimento da ONU85

Conselho de Direitos Humanos.....88

Declaração Universal dos Direitos Humanos de 194890

CONCEBENDO OS DIREITOS

HUMANOS DAS MULHERES.....93

CRÍTICAS AOS DIREITOS HUMANOS

SOB UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO.....96

DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

ENQUANTO DIREITOS HUMANOS100

DIREITOS HUMANOS DAS MULHERES

NUM MUNDO DE DIFERENÇAS104

***Feminist Curb Cutting*.....107**

CAPÍTULO 3

— CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS

EFICAZES E SUA CONSOLIDAÇÃO.....115

MEDIDAS EXISTENTES.....116

Aspectos Conceituais116

Mecanismos Internacionais118

Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas

de Discriminação Contra a Mulher (Cedaw).....120

Protocolo Facultativo à Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher.....	127
Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher — “Convenção de Belém do Pará” 1994.....	134
Conferência de Viena, de 1993.....	139
Conferência de Beijing, de 1995	142
57ª Reunião da Comissão Sobre a Situação das Mulheres — CSW	148
Participação das Organizações Não Governamentais.....	150
Representação das Organizações Não Governamentais do Sul	152
Representação das Organizações Não Governamentais do Norte.....	153
MEDIDAS PROJETADAS: Observações Preliminares.....	155
Ativismo Transnacional e os Direitos Humanos das Mulheres ...	157
Pachamama: o Resgate da Natureza Espiritual do Ser	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	165
REFERÊNCIAS	169
ANEXOS.....	181

PREFÁCIO

A presente obra — que temos a mais grata satisfação de prefaciá-la — trata de trabalho dissertativo de Andréia Rosenir da Silva, no curso de Mestrado em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis-SC, área de concentração de Relações Internacionais, em que fomos professora, orientadora e presidente da respectiva Banca de Defesa e Avaliação.

Nossa estimada mestre vem dedicando-se a estudos e pesquisas sobre a questão de gênero, daí resultando interessantes publicações,¹ tendo contribuído em coautoria² na primeira obra versando sobre o delicado tema — Relações Internacionais e Gênero³ — em nosso país.

Integrando também o nosso Grupo de Pesquisa sobre *Relações Internacionais, Direito e Poder: cenários e protagonismos dos atores estatais e não estatais*, sob nossa coordenação, vinculado à Unochapecó, passou a colaborar com seus estudos,⁴ tendo adquirido experiências como observadora em

¹ Ver: Da Silva, Andréia Rosenir. O estudo de gênero nas relações internacionais e a ONU Mulheres no Brasil. In: CONGRESSO DE DIREITO INTERNACIONAL EM BRASÍLIA, 9., 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Juruá, 2011. P. 95-103. V. XXI.

² Ver: Oliveira, Odete Maria de; Da Silva, Andréia Rosenir. Gênero como possível ator das relações internacionais. In: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações internacionais: a questão de gênero*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 23-81.

³ Ver: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações internacionais: a questão de gênero*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

⁴ Ver: Da Silva, Andréia Rosenir. O protagonismo de gênero como ator não estatal e o dilema da política de poder. In: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações internacionais, direito e poder: o contraponto entre os atores estatais e não estatais*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015. p. 259-291. V. II. Ver também: Da Silva, Andréia Rosenir. O protagonismo de gênero como ator não estatal e o importante papel da rede em seu cenário. In: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações internacionais, direito e poder: atores não estatais na era da rede*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2016. p. 231-260. V. III.

estágio na *Organização Women in Europe for Common Future*, na cidade de Munique-Alemanha, quando pôde conhecer mais de perto o funcionamento do *Women Major Group*. Ao participar do evento Conferência Rio + 20, no Movimento da Mística Andina, obteve importantes ensinamentos sobre os direitos de Pachamama, mencionados no final desta obra.

Neste livro *A Construção de Gênero no Âmbito das Relações Internacionais: direitos humanos das mulheres e a necessidade de instrumentos eficazes a sua consolidação* da Silva buscou delimitar o seu objeto de estudos em dois distintos universos. De um lado, preocupou-se em abordar aspectos da jovem e complexa disciplina das Relações Internacionais e analisar a questão de gênero, justamente excluída desse campo fechado e masculinizado das Relações Internacionais, então dominadas larga e abertamente pelo modelo realista e estatocêntrico e que sob a égide do denominado *gender neutral*, ignorava completamente e excluía as mulheres de seu campo de conhecimentos e também de sua esfera pública de decisão e da alta política.

De outro, ocupou-se sobremaneira em focalizar a temática dos direitos humanos, em especial e com ênfase conduzindo-se em torno da construção dos denominados direitos humanos das mulheres. Nesse sentido, passou a analisar os instrumentos e mecanismos internacionais existentes e outros projetados, bem como o papel de Organizações Não Governamentais que operam nesse campo.

Esta oportuna e criativa obra, estruturada em três importantes e evolutivos momentos, ocupa-se em seu capítulo inicial com a própria disciplina de Relações Internacionais, seu percurso histórico e demais desmembramentos, fazendo-o por meio dos denominados quatro grandes debates — em especial, destacando o paradigmático ou terceiro debate e suas discussões temáticas — exatamente e porque foi precisamente nesse momento que o gênero conseguiu inserir-se no âmbito dessa disciplina. Tal árdua e longa conquista finalmente veio a ocorrer e se consolidar entre as décadas de 80 e 90 do século 20.

A tão antiga luta feminista — iniciada em tempos mais distantes e assinalados já nos idos do século 17 em favor dos almejados direitos das mulheres — finalmente havia alcançado também sua vitória no campo da

disciplina das Relações Internacionais. Agora a transcendência de igualdade entre os homens e as mulheres nesse âmbito já não permitiria mais a deplo-rável realidade de apenas privilegiar o masculino em detrimento do femi-nino. Afinal, mesmo não sendo visível para todos, o oceano existe. Assim, não há como negar que a humanidade é feita tanto de homens quanto de mulheres.

Para as mulheres adentrarem no campo das discussões e conhecimen-tos das Relações Internacionais, por derradeiro se fez necessário derrubar muros, virar o topo de escadas, romper barreiras de silêncios, das submissões e da marginalidade a elas impostas.

O que fazer? Como fazer? Onde está o poder e quem o detém, indagavam? Por que as concepções e experiências das mulheres não eram aceitas no campo do conhecimento das Relações Internacionais, pergun-tavam?

Para destruir tão pesadas barreiras necessário se fez construir sólidas teorias de gênero a criar autêntica metodologia feminista.⁵ Naturalmente, tarefas ousadas e definitivas, nada fáceis e muito complexas. Tratava-se de uma árdua conquista — degrau por degrau. Logo, as mulheres deveriam vencer tal embate construindo suas próprias ferramentas acadêmicas.

Como pioneiras — aqui homenageadas com muita admiração e apreço — despontaram visionárias e notáveis autoras de gênero no âmbito das Relações Internacionais, entre elas Elshtain (1987), Enloe (1989), Tickner (1989) e Steans (1989).⁶

Se a realidade do feminismo no século 21, como observam Suárez Navaz e Hernández (2011), mostra-se de dimensão global, contudo ainda continua buscando o reconhecimento da diversidade cultural, tendo como

⁵ Ver: Acherly, Brook; Stern, Maria; True, Jacqui (Eds.). *Methodologie for International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁶ Ver: Elshtain, Jean Bethke. *Women and War*. New York: Basic Booke, 1987; Enloe, Cynthia. *Bananas, Beaches and Bases*. California: University of California, Press, 1989; Tickner, J. Ann. *Gender in International Relations: feminist perspective on achieving global security*. New York: Columbia University Press, 1992; Steans, Jill. *Gender and International Relations: an introduction*. Cambridge: Polity Press, 1989.

objetivo central sua luta em favor da igualdade de gênero. Tal desafio encontra-se ligado à necessidade de superar a herança colonial e os incrustados desmembramentos patriarcais, o que vem a obstaculizar o avanço dos direitos das mulheres nos dias atuais.⁷

A persistente pesquisadora Andréia Rosenir apreendeu com muita sutileza e perspicácia essa dura realidade e em seu percurso de longos estudos e reflexões, além de pontuar inicialmente diferenciações entre debates e ondas, passou a dar ênfase à temática tipológica dos atores internacionais, indagando sobre a existência de gênero nessa tipologia, positivando-se então o seu reconhecimento como dinâmico e consolidado agente não estatal, tendo conquistado — dia a dia — maior destaque e protagonismo no âmbito da sociedade internacional contemporânea. Finalmente, concluiu o seu capítulo inicial com interessantes anotações sobre os direitos humanos, anunciando, dessa forma, o assunto do capítulo seguinte.

Nessa segunda parte, com muito cuidado e concentração, da Silva adentra na questão mais prática de seu estudo: a construção dos direitos humanos das mulheres, passando então a apresentar as seguintes indagações de pesquisa: O que são os direitos humanos das mulheres? Constituem apenas visão mais contemporânea dessa antiga problemática ou o surgimento de um nascente direito? Existem diferenças entre os direitos humanos universais e os direitos humanos das mulheres? Os direitos humanos das mulheres fragmentam o cenário, a função, a natureza do dever-ser, e a aplicabilidade dos direitos humanos como unidade?

Nesse sentido, permitimo-nos também a indagar: Esses direitos humanos das mulheres existem? São respeitados? Ou constituem meros aportes teórico- discursivos no mundo de diferenças, antagonismos e minorias em que vivemos?

Soma-se a essas indagações de pesquisa a categoria de análise adotada pela mestre-autora em seu profícuo e inédito estudo. Nesse sentido, concernindo e utilizando o próprio conceito de gênero, aqui transcrito:

⁷ Ver: Suárez Navaz, Liliana; Hernández, Rosalva Aída (Eds.). *Descolonizando el Feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*. 2. ed. Madrid: Cátedra, 2011.

compreendendo “as relações entre homens e mulheres, constituídas socialmente, atribuindo-lhes fatores sociais, econômicos, culturais, religiosos e políticos, não aceitando a dominação imposta pela diferenciação de seus órgãos sexuais — qualidades masculinas e femininas —, a partir deles produzindo, de um lado, a força, a coragem e o poder e, de outro, a fragilidade e a vulnerabilidade”.

Em visão ampla as teorias feministas, como pondera Dorlin, não se vinculam somente com a delimitação teórica e prática entre o que seria natural, cultural ou social entre o sexo, gênero e sexualidade, mas com os princípios, postulados e as implicações ideológicas, políticas e epistemológicas dessa delimitação.⁸

Por outro lado — historicamente —, os estudos filosóficos, sociológicos e psicanalíticos sobre a sexualidade foram iniciados, entre outros autores, por Michel Foucault — *Arqueologia do Saber*⁹ e a *História da Sexualidade*¹⁰ — e Simone de Beauvoir, em sua conhecida e polêmica obra *O Segundo Sexo*,¹¹ que em nosso entender é uma referência obrigatória.

Nesse sentido, nos últimos 40 anos observa-se que as teorias feministas — compromissadas com a problematização das relações, identidades, heterossexualidade reprodutiva, intersexualidade, bissexualidade, transexualidade, normatização dos comportamentos sexuais entre homens e mulheres, homens e homens e entre mulheres e mulheres — converteram-se em inovador, inédito e delicado campo de investigação, fazendo a distinção entre sexo, gênero e sexualidade.

Mais do que uma Filosofia social, trata-se aqui também de uma arqueologia do saber-poder, nesse sentido podendo-se entender de que cada saber mantém certa relação com o poder. A atual realidade mostra

⁸ Ver: Dorlin, Elsa. *Sexo, género y sexualidade*: introducción a la teoría feminista. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

⁹ Ver: Foucault, Michel. *Arqueologia del saber*. Tradução Aurélio Garzon del Camino. 6. ed. México: Siglo Veinteuno, 1979.

¹⁰ Ver: Foucault, Michel. *História da sexualidade*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

¹¹ Ver: Beauvoir, Simone de. *La Deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

uma verdadeira revolução frontal de mudanças, que inovam, reforçam, modificam e desconcentram, principalmente ao inverter a ordem moral das múltiplas linhas de uma arquitetura familiar patriarcal — privada-íntima-hierarquizada —, alicerçada em argamassa de intocáveis e invisíveis cotidianos, constituídos por séculos de opressão, violência e submissão silenciadas às mulheres.

Munida das necessárias ferramentas — analíticas e metodológicas — a incansável pesquisadora adentra no terceiro e último capítulo postulando pela construção de instrumentos eficazes para a consolidação dos direitos humanos das mulheres. Nessa direção, focaliza medidas existentes e algumas já projetadas para essa finalidade.

Entre os mecanismos normativos existentes, Andréia Rosenir da Silva aborda um conjunto de medidas, entre elas citando convenções, protocolos, tratados, pactos, declarações, planos de ação, além da participação de mulheres em Organizações Não Governamentais do Norte e do Sul.

Entre esses mecanismos destaca-se a Conferência de Beijing, ocorrida em 1995, na cidade de Beijing-China, também conhecida como a 4ª Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, consagrando os princípios da ação de igualdade, desenvolvimento e paz, contando com 50 mil participantes, dos quais dois terços eram mulheres.

Para demonstrar essa impactante participação feminista ao redor do mundo e, em consequência, seu ascendente, dinâmico e influente Movimento Mundial de Mulheres, a obra tem no seu texto e anexado no seu final, ilustrativo material denominado quadros e que ao lado de farta e apropriada fonte de referências bibliográficas, tanto enriquecem quanto alicerçam e clarificam o pensamento e asserções de sua autora.

No que se refere às medidas projetadas, da Silva deu ênfase ao ativismo transnacional do movimento das mulheres no mundo, à questão do ecofeminismo, tendo merecido total destaque o direito *Pachamama*, traduzido como *resgate da natureza espiritual do ser*; o que, por sua vez, vem revelar para os leitores uma das características muito admirada dessa estudiosa de gênero: seu perfil humanista e de grande sensibilidade.

O presente livro reveste-se de significativo mérito. Reconhecemos e aplaudimos o empenho da autora na construção desta obra e que sem dúvida constituirá importante contribuição à Academia brasileira, às universidades, demais centros de pesquisas e aos interessados em tão instigantes assuntos da realidade contemporânea, o que o faz ser recomendado como leitura obrigatória.

Odete Maria de Oliveira

Professora Titular de Relações Internacionais da UFSC
— aposentada

Professora Titular do Curso de Mestrado
em Direito da Unochapecó

Pós-Doutora em Estudos Comunitários Europeus
pela Universidad Complutense de Madrid